

## ESPAÇOS E TEMPOS NA ESCOLA E AS QUESTÕES DE GÊNERO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE GUANAMBI: NOVAS POSSIBILIDADES, OUTRAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Adelice Pereira de Jesus<sup>1</sup>

Edilane de Jesus Gomes<sup>2</sup>

Janes Aparecida Xavier da Silva Neves<sup>3</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa visa discutir as relações de gênero na escola e com objetivo de relatar os desafios encontrados no estudo de gênero com alunos, na sociedade guanambiense (Guanambi-Ba), enquanto sujeitos históricos. Busca investigar como a violência simbólica presente nas séries iniciais do ensino fundamental dificulta o processo de equidade entre gêneros masculino/feminino presente na educação básica que se inicia na educação infantil e perpassa por todos os níveis escolares. Realizamos oficinas formativas sobre igualdade de gênero, no intuito de desconstruir estereótipos que inferiorizam os papéis das mulheres na sociedade. No momento da intervenção aplicamos entrevistas com crianças estudantes da classe de 3º ano do ensino fundamental da Escola Municipal professora Ivone Fernandes Ribeiro dos Santos, pautados em estudos de autoras que discutem gênero, SCOTT (1990), BUTLER (1988) e LOURO (1997). Propomos analisar atividades pedagógicas sobre: como a igualdade de gênero pode promover a equidade na escola, com a valorização da autoestima, autoimagem e desmistificando aspectos socioculturais, elevando a aprendizagem das igualdades entre os seres humanos, enquanto construtores históricos: ativos, reflexivos e conscientes dos papéis de gênero socialmente construídos.

**Palavras-chave:** Espaço escolar. Gênero. Práticas educativas.

<sup>1</sup> Ma. Programa de Pós-Graduação em Ensino Linguagem e Sociedade (PPGELS) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) --Campus VI/ Caetitê. Graduada em Licenciatura em Pedagogia e História Professora da educação de jovens e adultos do Ensino Fundamental II, da rede municipal de Palmas de Monte Alto -Ba. e do ensino fundamental I em Guanambi-Ba. E-mail: [minga27@hotmail.com](mailto:minga27@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ensino Linguagens e Sociedade- PPGELS/UNEB. Graduada em Letras com Habilitação em Língua Inglesa pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB/DCHVI. Integrante do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudo do Audiovisual e do Discurso- AUDiscurso/UNEB- Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa da Bahia- FAPESB [lane26gomes@gmail.com](mailto:lane26gomes@gmail.com)

<sup>3</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora da Educação Básica/Ensino Fundamental na Escola Municipal Professora Enedina Costa de Macêdo na cidade de Guanambi - BA. Integrante do grupo de estudos Políticas Educacionais na Formação de Professores da Universidade Federal Fronteira Sul. E-mail: [janesgbi@hotmail.com](mailto:janesgbi@hotmail.com)

## Considerações iniciais

As desigualdades entre gênero feminino/masculino vêm sendo discutida atualmente, visto que, frequentemente deparamos com situações discriminatórias entre os sexos na sociedade, Construir a igualdade de gênero na escola é evitar que processos de discriminação ocorram; entretanto é importante que seja praticada desde os primeiros anos da vida escolar pautadas em novas ações e atitudes que visam a promoção da igualdade e da diversidade de gênero em nossa sociedade.

O presente estudo objetiva investigar a violência de gênero naturalizadas nas séries iniciais do ensino fundamental e como velhas práticas educativas dificultam o processo de equidade entre os meninas e meninos no espaço escolar.

A escolha do estudo de gênero, a partir do *locus*, Escola Municipal Professora Ivone Fernandes Ribeiro dos Santos, situada no bairro periférico Novo Horizonte na cidade de Guanambi, que atende crianças na maioria afrodescendentes nas séries iniciais do ensino fundamental, se deve ao fato de que as observações possibilitaram detectar como os meninos tratam as meninas com preconceito em determinadas atitudes no ato do brincar, onde estas eram impelidas em participar de determinados esportes por serem mulheres e “fracas”, resolvemos promover oficinas educativas que propiciassem o reconhecimento da igualdade de gênero entre os estudantes.

Ao aprofundarmos nossos estudos compreendemos que a violência de gênero são naturalizadas historicamente, que constitui em um vínculo de subjugação e submissão que resulta em dominação, no qual o dominado o recebe como natural em que essa realidade é permeada, visto que,

[...] a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. (LOURO,1997 p. 58 e 64. )

Com base na ideia da autora é possível asseverar que a escola, caso não busque promover uma educação para a liberdade e autonomia, poderá perpetuar preconceitos e discriminações



entre homens/mulheres, todavia ao propor uma pedagogia engajada e significativa será capaz de construir um novo bojo histórico de equidade nas relações de gênero. Como assevera, Louro (1997, p.24), “discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face”. No entanto, é preciso destacar o papel fundamental da educação na produção de conhecimentos, na transformação da realidade na qual se encontra e na elaboração de mecanismos eficazes no combate às diversas formas de expressões, que discrimina meninos/meninas e homens/mulheres na sociedade.

Dessa forma, propomos, nesta pesquisa, refletir sobre como as práticas educativas na escola propicia conhecimentos capazes de problematizar as concepções naturalizadas de gênero, bem como, o fato de meninos e meninas possuírem papéis e comportamentos predeterminados. Esperamos, assim, contribuir para a ampliação do debate e para o aprimoramento da formação em torno do respeito à diversidade e do combate às formas de discriminação envolvendo gênero, na sociedade brasileira.

### **O contexto e a emergência de um campo de estudos sobre Gênero**

Há, nos últimos anos, um avanço em relação aos estudos sobre as relações de gênero. No entanto, a polaridade entre a cor rosa e a cor azul se mantém forte e parece definir, no senso comum, o gênero dos sujeitos na sociedade. Sendo o gênero a organização social da diferença sexual. “Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas, fixas e naturais entre mulheres e homens; mas propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais [...]” (SCOTT, 1988, p. 2). O termo gênero surge de uma construção social que busca compreender melhor as relações entre os vários sexos. Logo, torna-se imprescindível que a escola, desde a educação infantil, aborde essas relações, respeitando-se os limites de compreensão das crianças, inclusive contando com os momentos de brincadeiras para fazerem-nas refletir sobre tais questões. O corpo é a menor unidade de circulação de poder, é onde o poder que circula na sociedade se inicia.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. (FOUCAULT, 1979, p. 80).

Assim, os estudos sobre o gênero devem considerar as relações de poder entre mulheres e homens, que iniciam-se entre meninos e meninas, na infância, bem como as diversas formas



sociais e culturais que vão constitui-los como sujeitos de gênero. Isso porque o gênero “é o primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual o poder é articulado” (SCOTT, 1990, p.14). Corroborando com esse pensamento Soheit (1997, p. 7-29) ressalta “[s]ão inúmeros os motivos utilizados que defendiam a submissão feminina em contraposição à dominação masculina. Os órgãos genitais se tornaram fontes de reflexão e entendimento do homem como possuidor da força, da majestade, da coragem e da razão”. Assim, exponho a reflexão de que tanto as manifestações espontâneas do capital cultural<sup>4</sup>, quanto as contribuições da escola tendem a se tornar cada vez mais atuantes à medida que o aluno avança nas séries. Portanto,

O gênero não deve ser constituído como uma identidade estável ou um lócus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos (BUTLER, 2015, p.242).

Assim, definindo gênero, tal qual Scott (1990), como uma categoria relacional, as feministas problematizam o sistema sexo/gênero a partir da desconstrução do sexo como categoria natural e hierárquica. Segundo Butler (2003, p.27), “[...] não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais”. Diante desse argumento, podemos pensar em como o corpo é envolvido pelo discurso desde a concepção, por exemplo: no momento da ultrassom, ao ouvirmos o enunciado “*é uma menina!*” ou “*é um menino!*” o bebê já é inserido, e conseqüentemente seu corpo, em um discurso cultural sobre o que é ser menino ou menina.

Por mais que as crianças desconheçam os significados de gênero e sexualidade, elas distinguem muito bem os papéis atribuídos socialmente a cada sexo, a cada corpo, explicitando que pensamentos como estes, que inferiorizam as mulheres, são constantes nas brincadeiras infantis em espaços escolares.

A construção de um processo formativo não precisa e nem pode ser solitária, em particular quando estamos lidando com pluralidades identitárias e com pluralidades de vivências que acontecem em um mesmo espaço-tempo. Mais do que nunca, o *outro* e sua experiência, com seus questionamentos e respostas, são importantes para a compreensão mínima do constructo identitário em formação. Tal asseveração coaduna com a afirmação de

---

<sup>4</sup>[...] conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 28)

que “somente através dos outros é que adquirimos um verdadeiro conhecimento de nós mesmos” (GADAMER, 2006, p. 12). A sala de aula deve tornar-se um espaço onde todos se sintam representados e suficientes para participar. Espera-se que a escola seja um ambiente da diversidade, local de troca de experiências e conhecimentos, onde cada um tenha a sua importância e relevância, ampliando assim o repertório cultural de todos de modo a proporcionar uma educação de fato libertadora.

### **Procedimentos metodológicos**

A metodologia proposta e aplicada na pesquisa que deu origem a este estudo de cunho qualitativo, foi realizada oficinas com alunos do 3º ano “A” do ensino fundamental da escola municipal professora Ivone Fernandes Ribeiro dos Santos, situada na cidade de Guanambi -Ba, para observar a evidência do preconceito de gênero entre o alunado em processo educacional. No primeiro dia de oficina iniciamos as atividades com uma pergunta reflexiva: Quais são suas brincadeiras preferidas? Notamos que todos os alunos de ambos os sexos, gostavam de inúmeras brincadeiras, sem diferenciar o gênero através delas, entretanto ao fazermos perguntas mais específicas sobre esta temática notamos a categorização das brincadeiras na concepção de homem/mulher, evidenciando o conceito de gênero no senso comum comprovada na pergunta posterior da atividade, de quais brincadeiras seriam adequadas para crianças do sexo feminino e masculino.

No segundo momento da oficina, na etapa da oficina em duplas, os/as alunos/as listaram brincadeiras socialmente consideradas como de meninos e de meninas. Em seguida, foram convidados a representá-las por meio de desenho, colagens ou outros recursos. Após essa etapa, cada dupla apresentou sua produção. Oportunidade específica para desconstruir as questões de gênero e romper com comportamentos de discriminação e preconceito relacionados ao fato de algumas crianças escolherem brincadeiras diversas, independentemente de serem meninos ou meninas.

No segundo dia da oficina, com entrevistas realizada com 19 alunos do 3º ano do ensino fundamental dentre esses, 17 afirmaram que meninas devem brincar de bonecas, casinhas e similares a dona de casa, enquanto que os meninos poderiam brincar de bola ,futebol esconde-esconde entre outros ,por serem fortes e ágeis, pensamento este, que reforça o estereótipo da

força e inteligência masculina no meio em que está inserido e o assistencialismo e servidão feminina através dos afazeres domésticos e papéis sociais definidos historicamente.

Todavia, por estarem em formação e não compreenderem a dinâmica do próprio corpo e sexualidade, a escola, enquanto espaço de formação tem papel importante em levar os conhecimentos sobre a temática, que muito aflige vidas de crianças / adolescentes agravando-se quando insere o binômio raça / classe social no desígnio de conscientizar sobre a igualdade de gênero nas particularidades de cada sujeito.

Para tanto, no intuito de desconstruir preconceitos e fomentar concepções de gênero, raça e sexualidade livres de estereótipos. Utilizamos como orientação o manual Publicado pela Universidade de São Paulo (mais especialmente pelo NEMGE (Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero) e pela CECAE (Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e Atividades Especiais) que é distinto dessas outras publicações, intitulado Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência, o guia procura introduzir o conceito de gênero e propõe uma série de estratégias para promover a igualdade de gênero.

Outrossim, este trabalho visa demonstrar a importância de trabalhar gênero nas séries iniciais do ensino fundamental. Observando se os/as alunos/as conseguem compreender o conceito de gênero e sexualidade humana para além dos aspectos físicos e biológicos. Há muitas formas de trabalhar a questão de gênero no cotidiano escolar, para além das datas comemorativas como dia da mulher ou da consciência negra, que são importantes, mas não podem ser a caixinha criada para a discussão.

### **Análises e discussões**

Frente ao exposto, através da entrevista com alunos afrodescendentes das series iniciais do ensino fundamental da referida escola, percebemos que a violência naturalizadas de gênero encontra-se presente nas ações cotidianas das crianças do 3º ano em todo espaço escolar, especificamente nas aulas de Educação física, onde os meninos detêm a concepção que as capacidades dos meninos são superiores e subestimaram as das meninas.

Em todo processo de realização das oficinas percebemos a historicidade discriminatórias nas concepções de gênero pelo alunado, ao questionarmos, quais cores ficam mais bonitas entre as crianças masculinas/femininas, dos 19 alunos entrevistados todos



afirmavam que rosa ficam melhor em meninas e 17 alunos de meninas e meninos pontuaram que azul ficaria melhor em meninos, mesmo tendo como opção todas as cores.

Desse modo, ao aplicamos a oficina “mundo colorido” e refletimos sobre a importância de cada cor na composição social, os alunos sentiram livres para escolher outras cores, compreendendo que cada sujeito ficariam bem em qualquer criança independentemente do gênero, desvelando assim a simbologia violenta do gênero construído historicamente sobre a inferioridade feminina e associando papéis determinados dos sujeito na sociedade.

Confirmando tal pressuposto, na última questão analisada, depois de aulas sobre a igualdade de gênero com oficinas, vídeos entre outras práticas educativas de valorização dos sujeitos, perguntamos: você já sabe como conviver com as diferenças e respeito com homens e mulheres? Conte uma história que você já presenciou de violência simbólica entre os gêneros feminino/masculino. Dos 19 alunos presentes em classe 10 já presenciaram violência física contra mulheres na própria família ou vizinhança, destas 14 ressaltaram a falta de divisão dos afazeres domésticos em casa, sendo estes, realizados somente pelas mulheres, efetivando a presença da violenta simbologia de gênero e papéis determinados por sexo na concepção binária.

Diante das discussões podemos sustentar que os resultados foram obtidos, a partir de entrevistas e atividades pedagógicas capazes de fazer com que os estudantes analisados percebessem a igualdade de gênero, respeitando as diferenças em todas as esferas: social, gênero, raça, física e econômica. Portanto, faz-se necessário discutir gênero na educação escolar principalmente pelo preconceito que as crianças sofrem em relação à sexualidade e ao machismo, afim de contribuirmos com a valorização da autoestima, autoimagem e desmistificando aspecto socioculturais, elevando a aprendizagem das igualdades entre os seres humanos, enquanto construtores históricos: ativos, reflexivos e conscientes dos papéis de gênero socialmente construídos

### **Considerações finais**

A violência nas escolas, especificadamente de gênero, ainda é um assunto velado na sociedade em que vivemos onde as crianças que demonstram em sua identidade características

não convencionais sofrem preconceitos precocemente, e os meninos também acabam por desenvolver ideias machistas e perpetuar estes estereótipos.

Buscou-se apreender refletir sobre o papel da educação escolar como promoção de equidade e discutir os recortes de gênero na educação nas séries iniciais do ensino fundamental. Este trabalho tem como expectativa contribuir para o avanço dos estudos da temática questões de gênero com crianças, possibilitando compreender alguns elementos que influenciam as desigualdades entre, meninas e meninos / homens e mulheres.

Discutir as questões de gênero, significa refletir sobre relações das práticas educacionais cotidianas, desconstruindo e redescobrimo significados. Enxergar a educação infantil como um momento propício para o início de uma (re)construção de pensamentos, valores e conhecimento é muito importante, tanto para o desenvolvimento cognitivo do aluno como na formação dos valores morais de cada um.

A escola não é neutra na formação dos sujeitos, ela participa sutilmente da construção da identidade de gênero e de forma desigual. E essa construção inicia-se desde as primeiras relações da criança no ambiente coletivo da escola. Trabalhar a igualdade de gênero não é apenas para a construção da concepção do que é ser meninos e meninas, mas educar para os direitos humanos, o desenvolvimento da personalidade, bem como, para a diversidade e, principalmente, no combate às desigualdades.

Relacionar gênero e infância nos permite compreender as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Assim é necessário compreendermos enquanto educadores das series iniciais da educação básica que o cuidar-educar estar presente em todas as atividades desenvolvidas na escola, nas brincadeiras propostas, ou brincadeiras livres, estaremos dando a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos, vivendo a infância com sua inteireza, em sua plenitude

Desta forma, trabalhar com esse tema na infância, faz-se necessário e imprescindível, que a sociedade desconstrua, que existe gêneros nos brinquedos para meninos e meninas, mas que todos possam brincar do que sentir vontade para desenvolver a autonomia, a criatividade, a identidade, a imaginação, a imitação, a convivência, o senso de justiça e socialização, para se construir uma sociedade sem preconceitos, sem méritos e com igualdade de gênero.



## Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade**.

Tradução de Renato Aguiar. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer (revisão da tradução de Enio Paulo Giachini). 7. ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: EDUSF, 2005. (Coleção pensamento humano).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica, Educação e Realidade**. Porto Alegre, 1990.

SCOTT, Joan. **Gênero e a Política da História**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1988.

SOIHET, Rachel. **Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas**. Estudos Feministas. Rio de Janeiro, 1997.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO-NEMGE/CECAE (1996). **Ensino e educação como igualdade de gênero na infância e na adolescência: guia prático para educadoras**. São Paulo. NEMGE/CECAE.